



## **Tangos argentinos nos anos 1920: sua popularização no Rio Grande do Sul e sua sonoridade brasileira**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

*Kênia Simone Werner*  
UFMG – keniaw@terra.com.br

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar as possíveis razões que teriam intensificado a popularização do tango argentino no Rio Grande do Sul nos anos 1920. Ao lado disso, pretende mostrar que os tangos argentinos populares no Rio Grande do Sul possuíam uma sonoridade distinta dos populares na Argentina. As conclusões foram baseadas em análises de tangos argentinos compostos pelo músico gaúcho Roberto Eggers (1899-1984) que teve diversos tangos gravados no Brasil e na Argentina. Nesse artigo será apresentado como exemplo o caso da composição *Tango del amor*.

**Palavras-chave:** Tangos Argentinos. Música no Rio Grande do Sul. Tango del Amor.

### **Argentine Tangos in the 1920s: its Popularization in Rio Grande do Sul and its Characteristic Brazilian Sound**

**Abstract:** This article aims to present the possible reasons that would have enhanced the popularity of the Argentine Tango in Rio Grande do Sul in the 1920s. Beside this, intends to show that the popular Argentine tangos in Rio Grande do Sul had a distinct sound from those popular in Argentina. The findings were based on analysis of Argentine tangos composed by the musician Roberto Gaucho Eggers (1899-1984). He had many tangos recorded in Brazil and Argentina. In this paper will be presented as an example, the case of the composition of the Tango del Amor.

**Keywords:** Argentine Tangos. Music in Rio Grande do Sul. Tango del Amor.

Esse artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado defendida em 2012 no Programa de Pós-Graduação da UFMG e trata dos motivos que teriam levado os tangos argentinos a terem maior popularização no Rio Grande do Sul do que no restante do Brasil, ultrapassando a obviedade da aproximação geográfica. Também mostra as diferenças de sonoridades entre um mesmo tango quando gravado no Brasil e na Argentina. Essas conclusões foram deduzidas a partir da análise de documentos pertencentes ao acervo do músico gaúcho Roberto Eggers (1899-1984) localizado no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, na cidade de São Leopoldo, RS.



## 1. O tango argentino e sua popularidade no Rio Grande do Sul

O tango argentino, gênero musical adotado como símbolo da identidade argentina junto com a figura do gaúcho platino, surgiu na década de 1870. É definido por Maria Susana Azzi, em sua obra sobre Astor Piazzolla, como “um gênero complexo em que intervêm dança, música, poesia, filosofia, narrativa e drama” e que seria “uma música composta por sonoridades diversas e vozes plurais e a expressão de um profundo repertório emocional” (AZZI, 2000:1). A autora refere-se ao grande curso imigratório para a Argentina entre 1821 e 1932 sendo o tango formado pela mescla das culturas desses imigrantes. Hélio de Almeida Fernandes, ao escrever sobre a trajetória do tango, afirma tratar-se de um gênero musical com uma gênese bastante complexa e multifacetada. Hoje há um relativo consenso de que teria se originado da mistura de *candombe*, *tango andaluz*, *habanera* e *milonga*.

É o candombe que dá ao tango o ritmo percussivo e repetitivo. Do tango andaluz, com marcas da zarzuela, vem a dança. Da habanera veio a força emotiva. A milonga lhe dá a coreografia e sua linha melódica e sentimental (FERNANDES, 2000:52).

O tango argentino, nos anos 1920, alcançou sucesso em vários países, tornando-se um fenômeno mundial. No entanto, alguns fatores potencializaram seu sucesso no Rio Grande do Sul, principalmente em Porto Alegre. Primeiramente, a situação de fronteira entre o Rio Grande do Sul e os países platinos, tornando naturalmente mais intenso o contato entre suas culturas. Em vista disso é compreensível que aqueles países tivessem maior influência no meio cultural gaúcho do que o centro do país. A historiadora Sandra Jatahy Pesavento, ao falar sobre identidade brasileira, quando se refere ao Rio Grande do Sul, lança a pergunta: “quem são os verdadeiros *hermanos* que se encontram mais próximos, os argentinos e uruguaios ou os nordestinos?” (PESAVENTO, 1999:129).

Há, no entanto, outro fator que determinou a causa da maior popularidade do tango argentino no sul do país. Em 1908 dois italianos, Savério e Emilio Leonetti, inauguraram a *Casa A Elétrica*, comércio de instrumentos musicais, discos e gramofones, em Porto Alegre. Os irmãos Leonetti tinham vindo da Itália com uma boa reserva de dinheiro e, após viajarem pelos Estados Unidos e pela América do Sul, viram em Porto Alegre um bom campo para instalar seu comércio. Devido ao grande tino comercial da dupla, o comércio prosperou e logo estavam produzindo gravações de



músicos do Rio Grande do Sul e dos países platinos. Lançaram os “Discos Gaúchos” com gravações de grande número de cantores e conjuntos da época. Até 1912 as gravações eram feitas no Brasil e mandadas para a Alemanha, a fim de se prensarem os discos, e depois retornavam pra cá. Naquele ano Fred Figner funda a Casa Edson no Rio de Janeiro, que passa a fazer a prensagem dos discos, sendo a primeira casa a prestar esse serviço na América do Sul. Os irmãos Leonetti, percebendo a grande oportunidade de lucrar com a indústria fonográfica, fundam em 1914 uma fábrica de gramofones, agulhas, acessórios e discos, tornando-se a segunda fábrica de discos da América Latina e a quarta do mundo. O empreendimento teve um sucesso estrondoso, pois a proximidade com o Uruguai e a Argentina aliada à irrupção da Primeira Guerra Mundial – que encareceu muito o transporte das gravações para a Europa – fez com que muitos artistas dos países vizinhos viessem a Porto Alegre para gravarem suas músicas.

Na fábrica dos discos e gramofones Gaúcho, grandes artistas do centro do País, principalmente Rio e São Paulo, e artistas estrangeiros que aqui aportavam integrando companhias de teatro e de revistas, acabavam registrando suas vozes ou o som de seus instrumentos musicais, perenizando seus dotes artísticos profissionais. Era uma característica da época (VEDANA, 2006:55).

O tango, nascido na Argentina como fruto da cultura marginalizada do *arreal*, refugiado em bordéis e considerado imoral por suas letras picantes e coreografia ousada, desembarca em Paris, por volta de 1910, levado por oficiais e cadetes que tinham estado em Buenos Aires em viagem de instrução. Logo a novidade se espalhou pela França tornando-se moda.

Naquela época, a exótica dança vinda da *Amérique Du Sud* se apresentava cheia de sensualidade e arrebatamento. Envolvido numa aura de tentação pelo proibido, com cores de imoralidade por causa de sua origem prostibulária, o tango foi conquistando as altas-rodas francesas, e tornou-se um modismo incontrolável. Conforme atestam os cronistas da época, havia o almoço-tango, o chá-tango, o jantar-tango, a ceia-tango, o champanha-tango, a cor-tango, o vermelho-tango... (FERNANDES, 2000:66).

Na época em que Paris servia de modelo para o resto do mundo, ironicamente o tango volta à Argentina como motivo de orgulho e principal elemento na sua formação identitária. Com essa explosão do tango, os estúdios de gravação proliferaram naquele país, a necessidade de se prensarem os discos aumentou e,



consequentemente, a clientela dos Leonetti também. Sendo assim, é óbvio que grande parte das gravações que vinham da Argentina para a *Casa A Elétrica* era de tangos. Ora, sendo os irmãos Leonetti não só proprietários da fábrica, mas também de um estabelecimento comercial que vendia discos, podemos imaginar que esses discos de tangos eram vendidos por eles em Porto Alegre. Como a capital gaúcha também estava atenta à moda parisiense, teve a seu alcance uma larga produção dessa moda diretamente da fonte. Isso explica, pelo menos em parte, a maior popularização do tango argentino no Rio Grande do Sul.

## **2. Diferenças entre os tangos argentinos no Brasil e os tangos argentinos na Argentina**

A diferença entre os tangos argentinos e os tangos brasileiros não deixam dúvidas. Gêneros tão distintos que provocou a crítica de Mario de Andrade por terem a mesma denominação:

(...)Alexandre Levy chamava de *tangos* brasileiros, trechos inconfundivelmente nossos, que em nada participavam de nenhuma variante do tango espanhol, ou dos países sul-americanos de origem espanhola. São maxixes, são modas, são sambas, cateretês, lundus, etc., depende, mas jamais tangos. Precisamos abolir essa denominação de *tango* dada às nossas danças, pois que, além de inexpressiva, presta-se a confusões (ANDRADE, 1976: 119).

Quero, entretanto, tratar da distinção entre os tangos argentinos populares no Brasil e os tangos populares na Argentina. A partir da análise de tangos compostos por Roberto Eggers que foram gravados no Brasil e na Argentina pude contatar que algumas alterações foram feitas pelo compositor nas versões argentinas.

Roberto Eggers foi um compositor gaúcho que atuou principalmente como compositor de tangos argentinos em Porto Alegre nos anos 1920. Algumas de suas composições fizeram muito sucesso nos salões porto-alegrenses, como afirma Corte Real:

(...) escreveu ele [Roberto Eggers] algumas músicas de gênero popular, dentre as quais foram impressas e fizeram época em Porto Alegre: o Tango do Amor e o tango Primeiro Eu, quando o tango argentino estava em voga nos salões da alta sociedade porto-alegrense, na década de 1920 (CORTE REAL, 1980:133).



Essa citação foi retirada do livro *Subsídios para a história da música no Rio Grande do Sul* de Antônio Corte Real. Esse livro é ainda hoje um importante registro de uma época praticamente inexplorada pela musicologia gaúcha. Esse autor confirma a popularidade do tango argentino em Porto Alegre e a expressão “fizeram época” nos dá a dimensão do sucesso desses dois tangos, tendo Eggers inclusive registrado em cartório o primeiro a fim de garantir os direitos autorais.

Além desses, Eggers compôs cerca de trinta tangos argentinos, sendo que alguns deles foram gravados no Brasil e na Argentina. A seguir, apresento uma análise do primeiro tango de Eggers a fazer sucesso na Argentina. Denominado (na versão brasileira) de *Tango del amor*, servirá de exemplo para demonstrar a diferença entre a sonoridade dos tangos gravados no Brasil e os gravados na Argentina.

A versão do tango gravada no Brasil possui de Paulo de Gouvêa, colunista do *Jornal Correio do Povo*, em português (embora a partitura contenha também a tradução para o espanhol); a versão gravada na Argentina possui letra de Luis Roldán (1894 – 1943), músico argentino, com o título alterado para *Piba*, gravado na Argentina em 1928 por Rosita Quiroga, famosa cantora naquele país. Naquela ocasião, o jornal argentino *A Nación* publicou uma pequena nota na seção “Discos nuevos”:

PIBA – Hecho en Victor por Rosita Quiroga, este tango de Roldán y Eggers, se singulariza entre las composiciones del género por el carácter acentuadamente criollo que le da el acento de la ejecutante. De tonada fácil y agradable, su letra subraya el interés del aficionado (*A Nacion*, 9 set. 1928).

*Piba* acabou tornando-se um grande sucesso também na Argentina, trazendo uma considerável renda mensal à Eggers. A título de curiosidade, vale comentar o fato de que, em 1936, Roberto Eggers escreveria uma ópera encenada no Teatro São Pedro, em Porto Alegre, que obteve muito sucesso. O evento movimentou Porto Alegre e sua audiência ultrapassou todas as expectativas. Mas Nilo Ruschel, em seu livro de memórias, conta uma história interessante sobre essas duas produções de Eggers:

A música tem dessas coisas: em 1924, Roberto Eggers compôs, em quinze minutos, o “Tango do Amor”, com letra de Paulo de Gouvêa. Esse tango, popularizado pela orquestra de Paulo Coelho, que o executava na Confeitaria Central, foi mandado por Manequinha Martins para a Victor de Buenos Aires. Lá o tango foi gravado por uma das mais famosas cantoras de então, Rosita Quiroga, com letra de Luiz Róldan. Só de direitos autorais vindos de Buenos Aires, Roberto Eggers recebia uma renda de mais de dois contos de



réis por mês. Anos mais tarde, realizando uma obra séria, em que consumiu dois anos de trabalho, a ópera *Farrapos* – encenada durante o centenário farroupilha – ele não tirou nem para o papel das partituras. Força de expressão, é claro (RUSCHEL, 1971:178-9).

Eggers confirmou esse fato anos depois: “No final da história, eu ganhei mais dinheiro com esse tango que compus em quinze minutos do que com a ópera que levei um tempão para fazer” (EGGERS, *apud* A MÚSICA de Porto Alegre, s.d.: 13).

Ao examinar a redução pianística da versão brasileira de *Tango Del amor* percebe-se que ela tem um caráter lírico, intimista, introvertido. Já a versão argentina apresenta um acompanhamento vigoroso e reforçado com baixos, o que lhe confere um caráter mais rítmico e enérgico. Na segunda sessão da versão argentina, a frase de oito compassos é reapresentada em fortíssimo (*ff*) em uma versão de orquestração cheia, enquanto a versão brasileira mantém o caráter lírico e recolhido, utilizando a mesma escrita ao longo dos dezesseis compassos. Outra diferença é um solo de bandoneon, instrumento típico argentino, na versão daquele país. Talvez Eggers tenha buscado, através da instrumentação, uma melhor adaptação, uma “sonoridade mais argentina”, mais característica. Pela escrita, podemos também inferir que a versão argentina deve ser tocada em um andamento mais rápido.

Essas adaptações feitas por Eggers no *Tango del amor* e em outros tangos, sugerem que os tangos argentinos produzidos nos Brasil, por e para os brasileiros, mantinham uma caráter próprio, distinto dos tangos apreciados pelos argentinos. Seria importante análises semelhantes de composições de outros compositores para compararmos com os processos usados por Eggers e ampliarmos as conclusões.



Figura 1 - Partitura de *Piba*



Figura 2 - Partitura de *Tango Del amor*.



## Referências

A MÚSICA de Porto Alegre: Erudito I. Porto Alegre, v.3, [s.d.], p. 13.

ANDRADE, Mário de. **Música, doce música**. 2.ed. São Paulo: Martins, Brasília: INL, 1976.

AZZI, Maria Susana. **Le grand tango**: la vida y la musica de Astor Piazzola. Washington: CENTRO CULTURAL DEL BID, 2000.

CORTE REAL, Antônio. **Subsídios para a história da música no Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Movimento, 1980.

FERNANDES, Hélio de Almeida. **Tango**: uma possibilidade infinita. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cor da alma: ambivalências e ambiguidades da identidade nacional. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 20, n.1, p.123-33, 1999.

PIBA. **A Nacion**. Buenos Aires, 9 set. 1928.

RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971, p. 71, 101.

VEDANA, Hardy. **A Casa Elétrica e os Discos Gaúchos**. Porto Alegre: scp, 2006.